

O escultor mostra sua visão de mundo. Em mármore.

É assim que Sérgio Camargo apresenta a exposição onde estão as obras que, finalmente, conseguiu trazer ao Brasil.

Desde 1975 Sérgio Camargo trabalhava suas esculturas sem condições de vê-las no Brasil. Suas peças são talhadas em mármore italiano e para entrar no País teriam que pagar a mesma taxa de importação de uma obra de arte estrangeira. Por isso, a exposição que ele inaugurou ontem no Museu de Arte de São Paulo — ela vai durar um mês — é uma comemoração e um reencontro do escultor com peças que ele mesmo não via há muito tempo. Ele foi o primeiro artista beneficiado com a isenção recente que liberou de taxas as obras de brasileiros que estavam fora do País.

Mas, de qualquer forma, não foi fácil trazer um navio carregado de mármore de Parma e Carrara até a cidade de São Paulo.

São quase 60 peças que revelam a maturidade de um escultor e a sua segurança em dominar os materiais. Porém este não é o aspecto mais importante da obra de Sérgio, e ele próprio faz questão de explicar:

— Eu não estou preocupado com a criação de formas, nem com a beleza das formas. Estas formas aparecem porque são decorrentes de uma estrutura. Isto sim é importante, um pensamento que percebe uma estrutura e faz com que esta seja revelada em muitas formas.

É preciso descer até o subsolo do Masp, um espaço enorme, agora povoado por estas formas brancas e impecáveis no acabamento, para perceber o sentido dessa obsessão de Sérgio Camargo.

Ele torna o mármore fosco, recusando o aspecto precioso do material. As formas são muito simples, estruturas armadas de maneira a receber a luz e a sofrer modificações com as sombras e a claridade. No entanto, este rigor torna cada uma das peças como o fragmento de um mesmo raciocínio, realizado em diversas maneiras. Ele usou módulos retangulares, outras vezes cilindros de mármore com cortes em ângulos variados e para esta exposição trouxe ainda algumas peças muito ambiciosas, numa escala de mais de dois metros.

Sérgio começou a trabalhar em 1963 com os seus relevos brancos em madeira, apresentados na III Bienal de Paris, e que mereceram o prêmio Internacional de Escultura, naquele ano. Dos relevos de madeira pintados de branco ele passou a trabalhar, algum tempo depois, com as peças de mármore.

— Quando fiz o meu primeiro



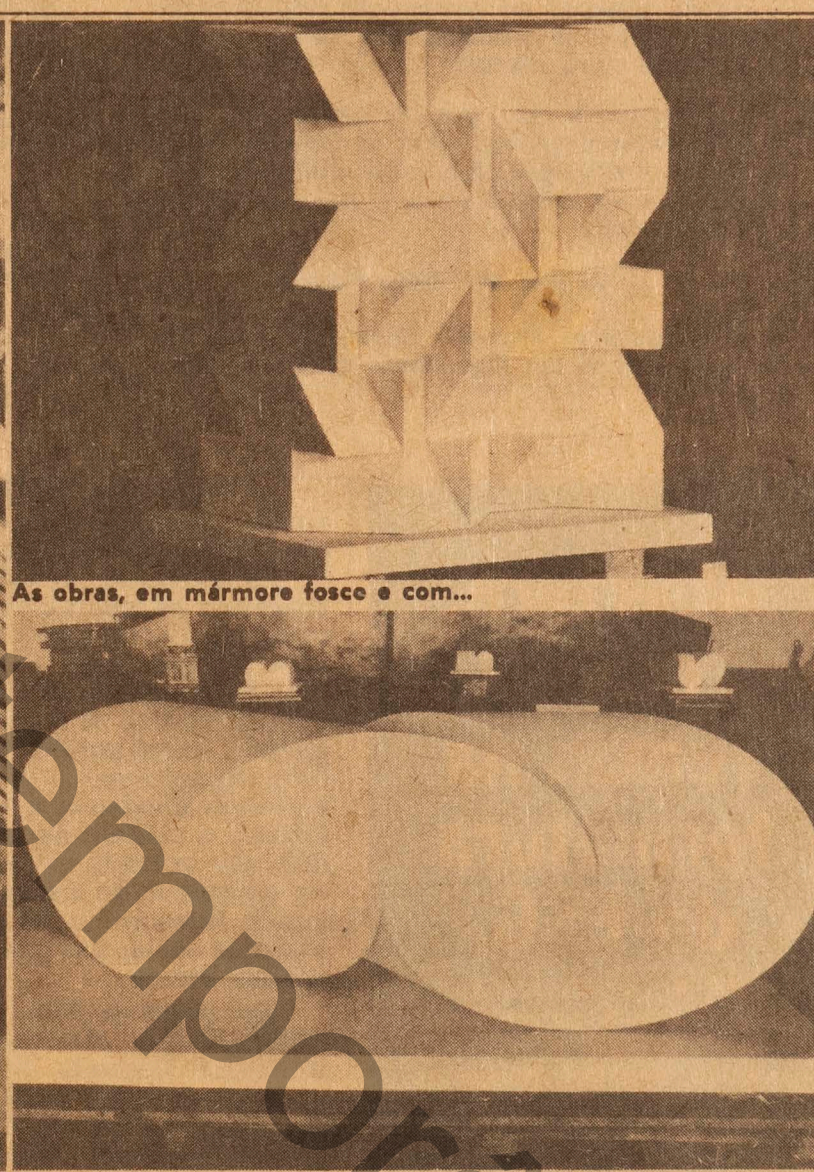
Sérgio: "O que eu procuro é criar estruturas dinâmicas".

relevo um crítico chegou a me dizer que depois de dez deles o assunto estaria esgotado. Na realidade, fiz mais de 400 trabalhos e existem ainda múltiplas possibilidades de variações. É uma linguagem que corresponde à minha visão de mun-

do. Pode ser uma gagueira, mas é a minha visão do mundo.

O primeiro a ser percebido nas peças de Sérgio é a descoberta de que nem a solidez do mármore nem o desenho de uma escultura são verdades fixas e imóveis. Se o es-

pectador caminhar para a direita ou para a esquerda poderá perceber mudanças radicais no aspecto da peça — dependendo da luz ambiente, elas sofrem modificações. Isto não quer dizer que Sérgio procure somente efeitos visuais.



As obras, em mármore fosco e com...

...superfícies bem marcadas.

— Eu não busco os efeitos óticos, nem o recurso do trompe l'oeil. Eu procuro criar estruturas dinâmicas. Às vezes algumas peças até fogem do meu controle, oferecem mutações que surpreendem até a mim mesmo.

Com o mármore fosco e as superfícies muito marcadas, qualquer raio de luz ou sombra detona essa pulsação que dinamiza as esculturas. Além disso, o uso do branco faz com que as formas absorvam a luz e se destaquem ainda mais visualmente.

A maneira de Sérgio Camargo trabalhar, em certos períodos, parece mais um trabalho de composição musical do que de artes plásticas. Porque, a partir de alguns elementos básicos muito simples, ele vai modulando diferentes esculturas.

Mesmo assim, elas não são simples variantes da mesma forma, o que poderia diluir e desgastar a imagem de cada um dos seus módulos.

— É um processo de decantação — explica Sérgio Camargo. É claro que se não houvesse um critério seletivo poderiam surgir muito mais variantes. Mas é preciso escolher a partir da estrutura e não usar só as variações formais. É preciso saber parar e saber também o que escolher.

A exposição é interessante ao assinalar algumas mudanças bem acentuadas no seu trabalho. Como o uso, pela primeira vez, do mármore negro de Parma.

— O mármore branco expande a luz, o negro concentra a energia. Estou experimentando estas novas peças com muita curiosidade. Penso que vou ter ainda muito que trabalhar com elas.

O uso do mármore negro surgiu quando Sérgio foi convidado a fazer um jogo de xadrez para a galeria Paulo Klabin, no Rio de Janeiro.

— Eu não pretendia fazer apenas mais um outro jogo de xadrez, mas explorar as relações que as peças do xadrez têm entre si. O jogo já foi mostrado no Rio em dois tamanhos, e aqui em São Paulo também está em exposição, na galeria Raquel Babenco. A partir do uso do mármore negro para as peças do jogo é que eu resolvi experimentar o negro em algumas novas peças.

Juntamente com a exposição, está sendo lançada um pequeno livro, uma monografia sobre o seu trabalho, realizada pelo Unibanco, que reúne, além de uma documentação visual de Rômulo Fialdini, textos poéticos do próprio Sérgio e uma montagem a partir de entrevistas e de gravações realizadas por Aspasia Alcântara de Camargo, procurando apresentar o processo de trabalho e um histórico da criação do escultor.